

# Aprendizagem transgeracional nas Festas Tradicionais de Outono (*Akimatsuri*) do Japão: um olhar da Educação Ambiental<sup>1</sup>

**Lucia Shiguemi Izawa Kawahara**

**D**outoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso [UFMT] onde cursou Pedagogia e Mestrado em Educação. Pesquisadora e educadora ambiental do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA/UFMT; analista de meio ambiente da Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA/MT e professora do Centro Universitário Varzeagrandense – UNIVAG/MT. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Educação Ambiental, Serviços Ecossistêmicos do Milênio e formação de professores.

## Resumo

**O** presente texto aborda as reflexões sobre os resultados obtidos do recorte da pesquisa de doutorado realizado como parte do projeto “Pantanal Millennium”, que integra o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Áreas Úmidas (INAU). A investigação no Japão buscou conhecer as manifestações culturais nipônicas relacionadas à identidade territorial e quais táticas são utilizadas pelas comunidades tradicionais para manter a coexistência da tradição e do desenvolvimento econômico. O trilhar metodológico conduzido à luz da fenomenologia permitiu a realização de observações, entrevistas e estudos bibliográficos. Os dados revelaram que a manutenção da cultura é garantida pela aprendizagem transgeracional com adequações criadas e acordadas no bojo da comunidade. Tais construções à consecução da identidade territorial nos remetem a reforçar a importância da Educação Ambiental Pós-Crítica que busca valorizar os saberes locais e tradicionais como importantes conhecimentos à construção de sociedades mais sustentáveis.

## Palavras-chave

Educação Ambiental, Identidade Cultural, Conhecimento Tradicional.

<sup>1</sup> *Texto escrito a partir de uma parte da pesquisa de doutorado realizada pela Lucia Kawahara sob orientação da Profa. Dra. Michèle Sato, da Universidade Federal de Mato Grosso – Brasil no Programa de Pós-Graduação em Educação. A investigação apresentada foi realizada no Japão (setembro a dezembro de 2013) e durante a permanência na United Nations University - Institute of Advanced Studies, a doutoranda esteve sob orientação temporária do prof. Dr. José A. Puppim de Oliveira.*

*MICHÈLE SATO - É docente associada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso [UFMT] e líder do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), além de colaboradora em várias outras universidades nacionais e estrangeiras. Possui licenciatura em Biologia (São Paulo, SP), mestrado em Filosofia (Norwich, Inglaterra), doutorado em Ciências (São Carlos, SP) e pós-doutorado em Educação (Montréal, Canadá). Possui várias experiências nacionais e internacionais, é bolsista produtividade do CNPq e membro do Fórum de Direitos Humanos e da Terra de Mato Grosso.*

*JOSÉ A. PUPPIN DE OLIVEIRA - is Assistant Director and Senior Research Fellow at the United Nations University Institute of Advanced Studies (UNU-IAS) since August 2009. He has academic interests in the political economy of sustainable development. He is particularly interested in researching patterns of environmental governance and policy implementation at different levels, looking at how global policies are translated into local policy implementation. At UNU-IAS, Jose coordinates the Sustainable Urban Futures programme and the master's programme in Environmental Governance.*

## Apresentação

Não é mais possível negar que vivenciamos uma crise socioambiental mundial causada pela estagnação dos recursos naturais e desenfreado consumismo de forma globalizada, na contraposição de um quadro universal de exclusão e injustiças sociais alarmantes, onde todos nós somos atingidos:

O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais, [...] a GLOBALIZAÇÃO é a nova desordem mundial. (BAUMAN, 2005, p. 67).

Como tudo que existe na vida, a atual globalização é um fenômeno marcado pelas contradições de uma era em crise, que superando o binarismo do bem ou do mal, faz emergir as incertezas. De um lado as tradições injustas de uma civilização dominadora e colonialista que coadunam com as ciências Modernas, igualmente hegemônica e hierárquica nos princípios iluministas. De outro lado, o mal estar da Modernidade (LYOTARD, 2008) ou a Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001) que se recusam a se adaptar ao *establishment*, reivindicando uma nova forma de se pensar, fazer e sentir as ciências. No espectro do que muitos chamam de Pós-modernidade, Sato & Passos (2002) consideram que a pesquisa fenomenológica se inscreve num substrato da tríade de dimensões intrínsecas e conectadas: a conceituação das ciências e suas teorias (episteme), os caminhos traçados na vivência metodológica (práxis) e a ética e valores subjetivos das escolhas políticas e modo de vida (axioma).

Assim a pesquisa fenomenológica deve ser considerada sob o lume das identidades ou de pertencimento dos grupos sociais em territórios e tempos singulares. No contexto desta pesquisa em particular, privilegiou-se a educação não escolarizada, na recuperação dos saberes dos povos fora do âmbito da escola, com características de uma educação popular. Sato (2005) assume a noção do grupo pesquisador sociopoético, admitindo que todo saber é igual por direito. Neste substrato epistemológico, o saber construído deixa de ser disciplinar (está fora das escolas) e abarca saberes populares ou múltiplas referências (multirreferencialidade). Ainda para Sato (op. cit), as referências podem se entrecruzar já que os valores são diferentes para cada participante de um grupo pesquisador. Nas diferentes visões de Nação que as narrativas são construídas (BHABHA, 1998), estas referências podem sofrer interferência (interreferencialidade) provocando o caos e a desarmonia. Contudo, Bachelard (2002) convida a aceitar o erro ou o momento caótico como instante de aprendizagem, e sem temê-lo, transformar-se à construção do sujeito onírico que busca a liberdade.

É evidente que para quem deseja transformar o mundo, a inscrição se dá pela transcendência da pesquisa acadêmica, incidindo em espaços sociais mais amplos, na reinvenção de quem quer eliminar as injustiças sociais e as depredações ecológicas, naquilo que o Tratado de Educação Ambiental assume como princípio básico da educação ambiental: a construção de sociedades sustentáveis.

Compreender a maneira pela qual as identidades se projetam nos territórios cotidianos, entrelaçadas no bojo da dinâmica socioambiental coletiva, pode ser um indicativo social e *antropológico* que corrobora com a necessidade de aliar cultura a natureza à formação de políticas públicas. (SANTOS, J. E.; et. All.; 2009, p. 33).

Vivenciamos o fortalecimento das identidades locais e valorização das culturas tradicionais perante a crise das certezas das ciências modernas e pela relativização dos valores absolutos do etnocentrismo do ocidente. Testemunhamos tempos conturbados, mas são exatamente nestes tempos de crise que se instauram chances de gerarmos novas formas de buscar alternativas de reconhecimento e possibilitar distribuições mais equitativas de oportunidade e escolhas.

O reconhecimento do “direito humano”, o direito de lutar pelo reconhecimento, [...] o reconhecimento de tal direito é, isto sim, um convite para um diálogo no curso do qual os méritos e deméritos da diferença em questão possam ser discutidos e (esperemos) acordados, e assim difere radicalmente não só do fundamentalismo universalista que se recusa a reconhecer a pluralidade de formas que a humanidade pode assumir, mas também do tipo de tolerância promovido por certas variedades de uma política dita “multiculturalista”, que supõe a natureza essencialista das diferenças e, portanto, também a futilidade da negociação entre diferentes modos de vida. (BAUMAN, 2003, p. 74).

Assim, na qualidade de nipo-brasileira, com a facilidade de dominar duas línguas e conhecer duas culturas tão distintas como a brasileira e a japonesa, a pesquisadora do GPEA ousou enveredar pelas terras nipônicas para conhecer mais o contexto e a experiência japonesa em Educação Ambiental. Este desejo sempre esteve pautado na esperança de que a minha identidade híbrida pudesse trazer contribuições diferenciadas por sentir, dialogar, saborear e compreender os dois contextos como brasileiras de nascimento e filhas de imigrante japonês. Oxalá, realizando possíveis pontes entre os saberes do ocidente e oriente. Estes objetivos foram compreendidos pela Fundação Japão, que ofertou uma bolsa de estudo de quatro meses no Japão para eu realizar uma parte de minhas pesquisas neste país com base na United Nations University - Institute of Advanced Studies (UNU-IAS) sob orientação do professor Dr. José Puppin de Oliveira<sup>2</sup>.

Seria possível encontrar manifestações culturais nipônicas relacionadas à identidade territorial na perspectiva da AEM? Como os japoneses conseguem manter a coexistência da tradição e do desenvolvimento econômico? Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelas comunidades para a manutenção de sua cultura?

Estes foram os principais questionamentos que me impulsionaram rumo à terra do sol nascente, em busca de possíveis diálogos para o enriquecimento e fortalecimento da Educação Ambiental para além das fronteiras.

## O Contexto – Ilha de Noto na Província de Ishikawa (Ishikawa-ken, Notojima)

A caminhada praxiológica no Japão teve início na busca de pessoas que pudessem referendar as experiências no que diz respeito à coexistência da tradição e do desenvolvimento,

<sup>2</sup> A pesquisa de campo no Japão foi realizada pela doutoranda Lucia S. I. Kawahara, orientanda da Prof. Dra. Michèle Sato da Universidade Federal de Mato Grosso, no Programa de Pós-Graduação em Educação. Durante a permanência na United Nations University - Institute of Advanced Studies, a doutoranda esteve sob orientação temporária do prof. Dr. José Puppin de Oliveira.

se possível, pessoas que pudessem informar-me sobre as festas tradicionais sem proporção de promoção econômica, mas que fossem expressões da cultura e da tradição das comunidades. Felizmente, a UNU desenvolvia, dentre tantos outros, um projeto de pesquisa e intervenção na província de *Ishikawa*. Assim, a Península de *Noto* foi indicada como local apropriado, pois seus habitantes, em sua maioria pescadores e agricultores, ainda hoje preservam os costumes tradicionais.

A península de *Noto* (*Noto Hantou*), em especial a Ilha de *Noto* (*Notojima*), além de ser um local de belas características insulares de montanhas cercadas por mares com uma rica biodiversidade, é famosa pela promoção de projetos e programas de conservação ambiental ligados à manutenção da tradição cultural. À ocasião da pesquisa de campo, nos meses de setembro e outubro, a Ilha de *Noto*, especificamente, estava realizando os festivais de outono (*akimatsuri*). *Akimatsuris* são rituais xintoístas onde a comunidade agradece coletivamente aos deuses pela colheita do arroz.

A pequena ilha de *Notojima* fica na península de *Noto*, localizada na província de *Ishikawa* (região central do arquipélago japonês) cercada pelo Mar do Oeste ou Mar do Japão (Figura 1 e 2). Com uma pequena extensão territorial de 46,78 km<sup>2</sup>, *Notojima* pertence ao município de *Nanao*, agregando 20 (vinte) vilas isoladas com um total de 3.025 habitantes na ilha e sua principal atividade econômica é a pesca e agricultura<sup>3</sup>. Cada vila comemora o festival de outono em seus respectivos templos xintoístas, em datas pré-definidas, apresentando pequenas variações nas formas de celebração, mas com o mesmo espírito de agradecimento pela colheita do ano.



Figura 1 - Península de Noto (Fonte: wikimedia.org)

<sup>3</sup> [http://www.city.nanao.lg.jp/unit\\_koseki/sur\\_jinkou.html](http://www.city.nanao.lg.jp/unit_koseki/sur_jinkou.html) Acesso em 20/10/2012



Figura 2 - Ilha de Noto (Fonte: ameblo.jp)

A localização, bem como a história de *Notojima*, possibilita a compreensão de que o seu relativo isolamento permitiu a conservação da cultura de uma comunidade tradicional por um tempo maior do que o resto do Japão. Na Ilha de *Noto*, o espírito de união e pactos coletivos à manutenção da sobrevivência ainda persiste, evidentemente, cada tempo com um motivo diferenciado. Este pequeno povoado, entretanto, ainda cumpre o acordo da coletividade em diálogo com a natureza que lhe garantiu a subsistência de seus antepassados agricultores e pescadores.

## Metodologia e Desenvolvimento

A vivência metodológica teve o entrelaçamento de duas faces da pesquisa qualitativa: a etnografia fenomenológica. Realizamos a ação da busca de informações nos fundamentos da etnografia pelo fato da porta de entrada escolhida para se estabelecer o diálogo sobre a questão ambiental ser a cultura. Ancoramo-nos em Clifford Geertz nos fundamentos das “descrições densas” para interpretar as festas de outono à luz da fenomenologia, acreditando que neste tipo de investigação, esmiuçar o trajeto pode ser mais interessante que o produto final (SATO, 2011, p. 546).

Grande parte das festas tem a natureza religiosa do ritual, além dos processos de interação sociocultural, de construção de valores, de formas de ser e viver no mundo, ou seja, lançamos um olhar de educadores que enxerga o ritual comunitário como arte educativa de humanização dos envolvidos pela e na relação de uns com os outros (BUBER, 2001; BERGER, 1985). Interpretamo-los, os rituais festivos, como espaços de aprendizagem, de formação de sujeitos sociais e construção das identidades biorregionais (HALL, 2006; SATO E PASSOS, 2002) na

relação com o território em que vivem (SANTOS, 2003; SILVA, 2011), em suma, como processo de Educação Ambiental que se contextualiza em uma dada temporalidade e territorialidade, inclusive nas variações de tempo, espaço e contexto que de cada sujeito possa construir.

Na pesquisa de campo no Japão (setembro a dezembro/2012) foram realizadas 11 observações de festas tradicionais (Tabela 1); 15 entrevistas não direcionadas; 17 entrevistas direcionadas; 8 participações em seminários e congressos; 09 reuniões com pesquisadores, instituições governamentais e professores das universidades das províncias de *Kanazawa*, *Toyama*, *Fukuoka* e *Tokyo*. Todas as entrevistas e reuniões foram realizadas na língua japonesa, transcritas e traduzidas por mim<sup>4</sup>.

**Tabela 1 - Lista de festivais observadas no Japão**

<b>Data</b>	<b>Vila</b>	<b>Festival</b>	<b>Província</b>
04/out/12	<i>Ombagaura, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
07/out/12	<i>Mibiki-cho, Tazurugahama</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
09/out/12	<i>Museki, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
10/out/12	<i>Nozaki, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
11/out/12	<i>Susso, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
12/out/12	<i>Neya, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
13/out/12	<i>Han no Ura, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
14/out/12	<i>Kouda, Notojima</i>	Artesanato ( <i>Tematsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
14/out/12	<i>Toori, Notojima</i>	Outono ( <i>Akimatsuri</i> )	<i>Ishikawa</i>
01 a 04/nov/12	<i>Shurijo, kinjoucho</i>	Memória do Castelo ( <i>Shurijo-sai</i> )	<i>Okinawa</i>
11/nov/12	<i>Kouda, Notojima</i>	Memória Cultural da Ilha ( <i>Bunkasai</i> )	<i>Ishikawa</i>

<sup>4</sup> Além de falar japonês desde a primeira infância, possuo certificado de proficiência Nível 2 da Fundação Japão e finalizei os estudos da língua japonesa do Programa de Ensino da Língua Japonesa da Associação Nipo-brasileira de Cuiabá – MT. Minha bolsa de estudos ao Japão foi concedida pela Fundação Japão.

Os 32 sujeitos das entrevistas não direcionadas e direcionadas foram os presidentes das associações dos moradores e dos jovens, representantes de Organizações Não Governamentais (ONG), líderes comunitários e servidores públicos à frente de programas de revitalização das vilas (Gráfico 1).

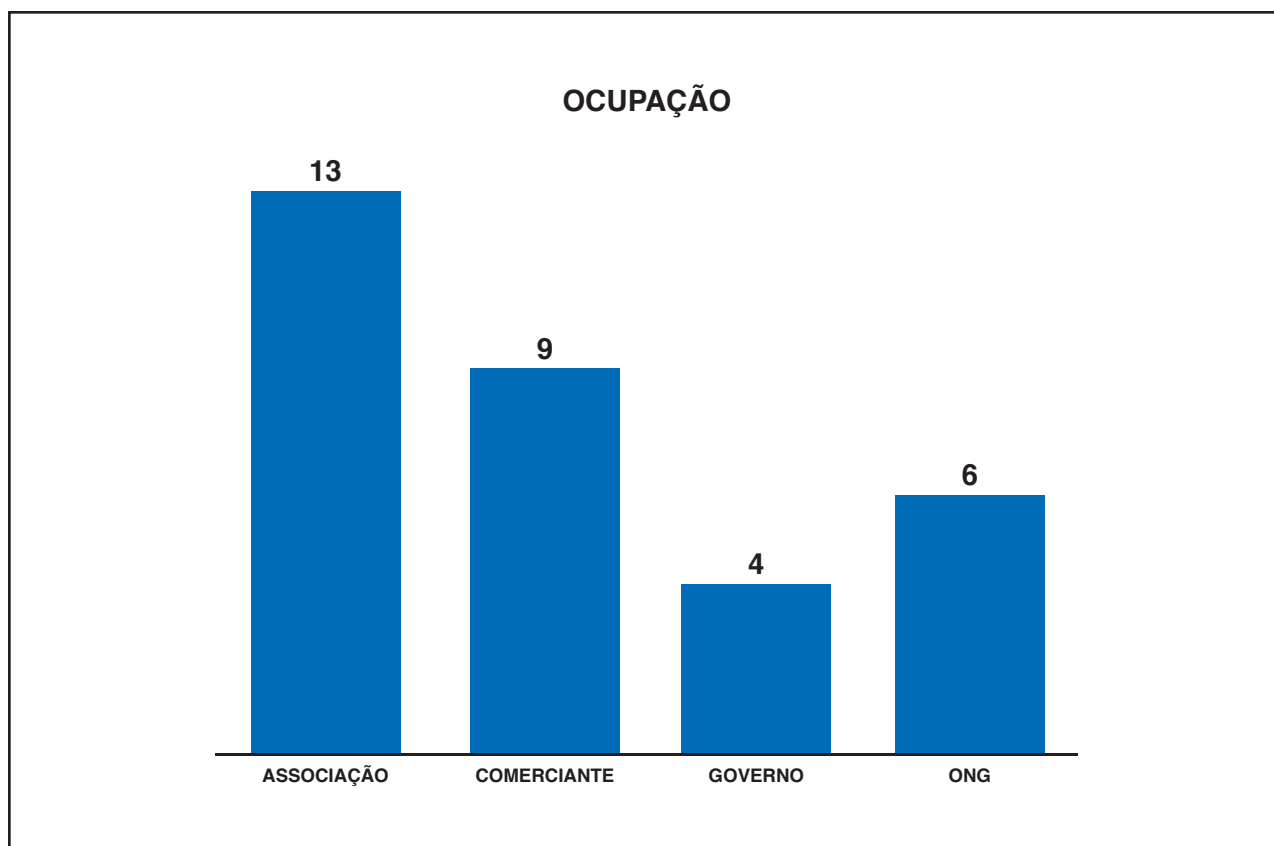


Gráfico 1 - Perfil de ocupação dos entrevistados

## Festa de outono - Akimatsuri

*Akimatsuri* é um ritual celebrado na coletividade, e nela está a boniteza e a revelação de um evento que demonstra a identidade e sabedoria de um povo que aprendeu a unir as forças para enfrentar as agruras da vida de agricultores e pescadores que dependem do meio ambiente em que vivem.

No Japão, segundo suas crenças, a disciplina e o respeito em relação à natureza construíram uma cultura de um povo com recursos limitados, que aprendeu a viver em diálogo constante com o ambiente. Neste habitat, os seres humanos são parte de um ciclo da natureza e recebem dádivas ou castigos dos deuses que habitam todas as partes dos céus e terras. Em *Notojima*, tais ensinamentos se fizeram muito mais verdadeiros para a garantia da sobrevivência de sua comunidade, pois sua característica insular de um território consideravelmente isolado por longa data fez com que o respeito e o temor pela natureza nunca deixassem de existir.

Segundo Nishiyama e Takeuchi (1983), todos os habitantes da Ilha de Noto, desde a tenra idade, aprendem que aqueles possuidores de alma devem consagrar, em agradecimento, os dias das mudanças de estações. Ocasões em que se descansa o corpo para receber os deuses, renovando as forças espirituais e físicas para a continuidade do trabalho abençoado pela terra e mar. Desta forma, em *Notojima* existem diversas celebrações realizadas tradicionalmente, principalmente no início das quatro estações, nas temporadas de semear e ceifar, período de caçar e pescar, tempo de cuidar e aguardar, cada momento com seus respectivos rituais de solicitação de bênção, permissão, gratidão.

O festival de outono é uma das tradições sustentadas até os dias atuais em todo território japonês. Em *Notojima*, ele é considerado pelos seus residentes como uma das expressões culturais mais importantes e significantes de suas vilas. As datas de celebração do *akimatsuri* são fixas, a programação anunciada pelo templo xintoísta central da ilha faz uma mescla e ajustes da temporalidade do final de colheita do arroz a alguns feriados do calendário ocidental. Assim, o festejo tem início no dia 15 de setembro e se estende até o dia 19 de outubro, quando todas as 20 vilas da ilha finalizam a celebração de tal ritual de agradecimento pela colheita aos seus deuses.

Muitas pessoas que residem fora da ilha retornam dos grandes centros urbanos para a sua terra natal nas datas da festa de outono de sua vila. Geralmente os filhos de *Notojima* utilizam as licenças especiais do trabalho e usufruem dos direitos de se ausentarem do serviço para garantir o seu retorno à terra natal no período da festa da sua terra. Muitos preferem utilizar destas licenças especiais para participar do *Akimatsuri* às comemorações de finais de ano ou dia dos finados que são os dois maiores feriados japoneses. Apesar de sofrerem pressões no ambiente de trabalho para que utilizem os grandes feriados convencionais, de acordo com os relatos que obtivemos, alguns fiéis continuam mantendo esta tradição de voltar para a ilha à ocasião do festival de outono.

Na Ilha de *Noto*, cada uma das vinte vilas tem seu próprio templo xintoísta onde habita o Deus guardião daquela terra e estes templos estão sob responsabilidade de um único sacerdote que reside no santuário central da ilha. Em geral, o cortejo religioso é formado por pequeno templo da folha sagrada (*Sakaki Dai*), andores<sup>5</sup> infantil e principal (*kodomo mikoshi e mikoshi*), sacerdote (*shinshoku*), presidente de bairro (*Kucho*), presidente da associação dos jovens (*seinen dancho*), bailarinos voluntários (*odoriko*) e os músicos (*hayashi*). As danças e teatros (*hounen, shishimai e niwaka*) representam o espírito de alegria, purificação, labuta e vitória (Figura 3). Estas performances fazem parte do ritual e são transmitidas desde o período Edo (1603 a 1868).

---

<sup>5</sup> Andores são santuários móveis onde são transportadas as imagens dos santos. "Andor s.m. padiola portátil e ornamentada, sobre a qual se donduzem imagens nas procissões; charola, andas". (FERREIRA, 1999, p. 135).





**Figura 3** - Início do Akimatsuri no pátio do templo após a oração (Foto: Lucia Kawahara)

As apresentações são realizadas ao som dos tambores, flautas, sinos e pratos carinhosamente ornamentados e, alguns confeccionados pelos próprios moradores de cada vila. As representações artísticas são peças teatrais ou coreografias de danças que ilustram alegria e agradecimento pela colheita; luta e vitória da comunidade sobre o mal – o mal é bancado pelos monstros em forma de leão-gigante, vigaristas, inimigos da província, lembrando os tempos de um passado distante de dificuldade em que o povoado sofria e precisava lutar muito para conseguir vida serena.

Até o século passado, *Akimatsuri* era um festival realizado somente pelos homens e crianças do sexo masculino, mulheres não eram autorizadas a sequer assistir ao ritual. No entanto, nos últimos tempos, a diminuição da população e a falta de crianças nas vilas têm modificado a tradição centenária e as moças e meninas começaram a participar, primeiramente tocando os instrumentos musicais e, atualmente, elas marcam presença como membros principais da delegação, até mesmo dançando durante o ritual de agradecimento.

Após a apresentação inicial no pátio do templo, a delegação santa dá início à procissão pela vila e este ritual é conhecido como *Kado Matsuri*. Os moradores da vila preparam um altar doméstico com tapete e mesinha sobre a qual colocam as oferendas em frente às suas casas para receberem a procissão, expressarem a gratidão pela dádiva recebida da natureza e serem abençoados por mais um ano. Os donativos têm necessariamente uma porção de arroz - símbolo e razão principal do festival - seguidos de variadas ofertas conforme disponibilidade de cada residência, tais como dinheiro, frutas, pescados, bebidas, entre outros. *Kado Matsuri*, portanto, é a procissão por toda a vila que segue realizando pequena parada para uma breve reza de bênção e elevação do andor sagrado em frente a cada casa com a oferenda (Figura 4).



Figura 4 - Procissão para abençoar as residências - Kado Matsuri (Foto: Lucia Kawahara)

O desenvolvimento do ritual pode variar de acordo com os costumes e presença ou ausência de alguns personagens e instrumentos, conforme apresentado anteriormente, mas toda procissão é composta pelo sacerdote, autoridades das associações locais, andor principal, músicos, dançarinos e, ao final de todos, a esposa do sacerdote passa recolhendo as oferendas.

Ressalte-se que uma das cenas mais encantadoras que completa a razão destes festejos é a presença transgeracional que acompanha, apoia, avalia, prestigia o cortejo ao longo do dia e noite (Figura 5). Bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos se divertem e compartilham os ensinamentos tradicionais vivenciados há séculos neste mesmo território que os têm abençoado.



Figura 5 - Diversas gerações prestigiando o festival (Foto: Lucia Kawahara)

O grande desafio de realizar a bênção de porta em porta (*Kado Matsuri*) é carregar o andor santo (*mikoshi*), que pesa aproximadamente 500 quilos. É necessária aproximadamente uma dúzia de homens bem preparados fisicamente para elevar, conduzir e agitar freneticamente o andor em frente às casas com as oferendas para demonstração de alegria e bons ensejos.

Uma das maiores dificuldades das vilas em manter os festivais de outono na íntegra tem sido justamente a falta de pessoas jovens para carregar o andor. Atualmente as vilas, que dependem da agricultura e da pesca, enfrentam sérios problemas de estagnação da população local, causados principalmente pelo êxodo dos jovens aos grandes centros urbanos, seguido da baixa natalidade e do envelhecimento da população. Assim, o principal problema apontado pelos moradores à consecução do festival na vila é a redução e o envelhecimento populacional.

## **Akimatsuri: aprendizagens em educação ambiental**

Em meio às incertezas inerentes à pós-modernidade, o exercício da *ação-reflexão-ação* (FREIRE, 1987) sinaliza a possibilidade de construção de um contexto pautado na ética da responsabilidade onde “a ênfase está na entrega: cuidar do outro humano e o outro como humano, com uma atenção permanente e afetuosa” (SAUVÉ, 2005, p.32). Defendemos assim, a busca de uma Educação Ambiental – EA cheia de “confetos”, a abertura de um espaço híbrido entre conceitos e afetos, onde haja propostas coletivas de aprender com prazer, enfrentando as possibilidades e descobrindo respostas aos desafios existentes (SATO, GAUTHIER E PARIGIPE, 2005).

Ao buscarmos compreender as formas de organização e a ação do homem no mundo, o desafio se instaura na recuperação da capacidade do pensamento complexo, pois na modernidade perdemos a compreensão do processo como um todo e conseqüentemente o poder da decisão pela fragmentação do trabalho, do ensino (SILVA, 2005). Por entendermos que a Educação Ambiental não é neutra e deve propor a compreensão crítica e complexa das questões sócio-ambientais e, portanto, deve possibilitar a superação da visão reducionista e dicotomizada da modernidade (VIÉGAS, 2005), enfatizamos a importância do entrelaçamento do permanente processo de construção de valores, comportamentos e conceitos possíveis pela Educação Ambiental Pós-Crítica<sup>6</sup>.

Na Educação Ambiental Pós-Crítica, o movimento se distancia das certezas e busca criar novas possibilidades no próprio cotidiano, considera a incompletude humana e fortalece as relações, pois compreende que se faz necessário considerar “a subjetividade, as relações intersubjetivas e a fundamentação como um conhecimento não-linear, fazendo analogia com a metáfora da rede para compreender a vida e o conhecimento.” (TRISTÃO, 2009, p. 06).

Nas manifestações culturais das comunidades tradicionais, encontramos preciosos saberes que integram os valores, comportamentos e conceitos redinamizados de geração a geração na formação de seus sujeitos. Tais práticas correm sérios riscos de extinção ou de continuarem desvalorizadas e ignoradas sob a égide do padrão desenvolvimentista da modernidade. Um exemplo visível está na educação, na qual deparamos com o protótipo do modelo curricular universalizante instituído, na sua maioria, para atender a lógica do capital, hierarquizando e excluindo todo conhecimento que não fosse legitimado como científico ou útil ao mercado. (DOLL, JR., 1997).

<sup>6</sup> TRISTÃO, Martha. *A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas* – UFES – <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT22-3691--Int.pdf> em agosto/2009.

Apesar de termos clareza da urgência de mudanças e transformações, ainda hoje, percebemos a prevalência do currículo fechado, mecanicista com base na lógica da meritocracia típica de uma sociedade escravocrata dos valores ditados pela economia. Nossas estruturas educacionais e sociais têm dificuldades em incorporar as emergências próprias de um contexto que requer mudanças frente ao colapso socioambiental.

Deste modo, buscamos conhecer as festas das comunidades tradicionais onde pudemos encontrar as mais belas manifestações culturais, para aprendermos o que esquecemos, fortalecendo e divulgando a importância dos saberes tradicionais. Conhecimentos que não foram dilacerados pela lógica moderna e liberal, locus nas quais encontramos a boniteza do ser humano que não pode ser ignorado e lembramos então das sábias palavras de Geertz:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto. (1989, p. 15 e 24)

## Aprendizagem transgeracional

O contexto das festas de outono no Japão nos revelou uma comunidade que realiza um movimento consciente e planejado de conservação das tradições como importante herança, sendo que alguns festivais possuem reconhecimento do governo japonês como patrimônio imaterial (IZUMI, 2012). *Akimatsuri* no Japão é realizado como um evento não escolar, mas promovido e planejado conscientemente para a promoção também da educação, manutenção cultural e formação identitária, para valorização da regionalidade.

*Notojima* é um dos poucos locais que sobreviveram ou sofrem tardiamente às garras da industrialização e ao tratoramento da cultura pela universalização dos padrões ocidentais (MORENO&HUNEAULT, 2012). O Japão viu a extinção de várias culturas por todo o território nipônico em prol do indiscriminado desenvolvimento industrial e ascensão econômica pós 1950, ascensão esta alcançada no encalço das ruínas e estagnação do meio ambiente e sobre cargas das relações humanas. Neste contexto, os moradores da Ilha de Noto e, até mesmo o próprio governo japonês lutam durante as últimas décadas para recuperar elos perdidos. De tal modo, a realização do *akimatsuri* já é uma prática na qual a comunidade relata conscientemente a respeito da sua importância como evento que precisa ser mantido para a consecução dos valores, amor territorial e possível impedimento de despolarização local.

As entrevistas revelam que o tempo em que se realizavam os festivais apenas como evento cultural já faz parte de um passado de mais de quatro décadas, e que hoje todos aqueles responsáveis pela organização do ritual o fazem com a clara convicção de que tal evento auxilia a manutenção da cultura, do amor pela terra, do fortalecimento de vínculos comunitários.

As comunidades tradicionais de *Notojima* estruturam suas festas acreditando que tais rituais servem como momento de formação da cidadania e comprometimento de seus moradores com a ilha em que vivem. Lembramos das palavras de Carlos Brandão, pois percebemos a festa como um momento de se aprender o amor:

O amor que se vive e ensina não é uma lição que se dá, mas uma prática múltipla e fecunda que se comparte. Como uma emoção fundadora, o amor é uma experiência a ser partilhada em qualquer situação em que pessoas se reúnam para construir os saberes e os sentidos de suas vidas. (2005, p. 47).

O festival de outono, segundo relatos, possibilita a formação do espírito de união, de um corpo só (*ittaikan*) que a comunidade compartilha ao realizar a festa, por exemplo, na árdua tarefa de carregar o andor sagrado (*mikoshi*), na estruturação do grupo musical e de dançarinos, na limpeza da área do templo e estes pequenos costumes são importantes momentos de criação de sentimento de pertença. Na sociedade atual, existem poucas oportunidades de realizar algum evento onde há necessidade da colaboração de todos (*kyoudou sagyou*) os moradores, do trabalho coletivo. Então, o festival é fundamental para as pessoas saírem do seu conforto individual e isolado para dedicar-se à coletividade e garantir a inter-relação entre as pessoas da comunidade (*kouryuu*). Estas práticas coletivas possibilitam a aprendizagem de valores, comportamentos e conhecimentos tão necessários nos dias atuais.

*“Quando reúnem para treinar a dança, a flauta, essas coisas, não é só isto, é a conversa de como era antigamente, a história da nossa vila que vai sendo transmitida e mantida na relação e encontro das pessoas, essas coisas não podem se perder. Ninguém vive sozinho, precisamos conhecer e ajudar uns aos outros”.* (Sra. Segawa. 55 anos<sup>7</sup>)

O Sr. Masatoshi Takahashi<sup>8</sup> afirma que o principal aprendizado do festival de outono é o respeito e a gratidão pelos deuses da natureza e pelo deus protetor da vila; este sentimento não pode ser esquecido e faz parte da mensagem que sempre é incluída em todos os encontros que promovem para preparar a festa. Ele afirma: *“não há pessoa nesta ilha que não goste do festival, mas não é qualquer festa! O melhor festival é o festival da sua vila, da outra vila não tem graça”.* Ele dá o testemunho de que morou por dez anos em outra cidade para trabalhar, mas não deixou de retornar para sua terra natal em todos estes anos que esteve fora. Reforça com veemência por isto, que não se pode deixar de realizar a festa para as crianças participarem:

*“Quando todos participam desde pequeno, as boas lembranças da infância ficam e implantam o sentimento de nostalgia (boukyou no nen), e pertencimento a nossa terra natal, implanta esse sentimento no fundo da nossa alma. Se acabar a festa, acaba a identidade, o significado de ser gente, de ser pessoa humana.”* (Sr. Takahashi, 66 anos).

O Sr. Shigehiro Dejima<sup>9</sup>, presidente da associação da vila de *Han no Ura*, uma das vilas que sofrem maior impacto do despovoamento, é um dos líderes que trabalha duramente para a consecução do festival. Ele compartilha sua convicção sobre a importância da festa:

---

<sup>7</sup> Sra. Yumiko Segawa, 55 anos, vila Kouda, comerciante, voluntária nas festas.

<sup>8</sup> Sr. Masatoshi Takahashi, 66 anos, vila de Kouda, professor aposentado, agricultor e presidente da associação da vila.

<sup>9</sup> Sr. Shigehiro Dejima, 57 anos, vila de Han no Ura.

“Se acabar a festa, viramos gente de cidade, ficamos iguais ao pessoal da cidade grande, ninguém conversa e nem se preocupa com o vizinho, triste. O akimatsuri é importante porque em outros feriados como os finados ou ano novo não encontramos as pessoas que não sejam da família. Agora, no akimatsuri, encontramos com todos da vila, temos que trabalhar juntos, reencontramos as pessoas e nos tornamos um só. E na festa trabalhamos muito, mas podemos festejar, bagunçar animadamente e esta brincadeira nos dá a sensação de renovar a energia para seguir trabalhando por mais um ano, até retornar para esta festa.” (Sr. Dejima, 57 anos).



Figura 6 - Crianças assistindo e participando das festividades (Foto: Lucia Kawahara)

O preparo do banquete por muito tempo era uma tarefa que consumia dias e dias de dedicação, sendo que, no dia da festa propriamente dito, as mulheres quase não tinham tempo de prestigiar as apresentações. As guloseimas da festa são parte importantíssima de todo festival, pois o seu preparo, sua doação e degustação revelam a generosidade e fartura da família que a oferta, representando momento de compartilhamento da alegria e gratidão pela bênção recebida.

Para a Sra. Yumiko Segawa<sup>10</sup>, o importante no festival é participar das celebrações por completo, quem vem visitar e conhecer a festa deve prestigiar tudo, não só assistindo a apresentação, mas degustando as diferentes iguarias de cada casa em toda vila. Em sua opinião, o mais importante e também o mais difícil era aprender o jeito de preparar a comida, conseguir cozinhar dentro dos padrões da família, pois cada casa tem sua tradição e forma própria de plantar, colher, temperar, preparar, enfeitar e ofertar a comida. Há iguarias que são preparadas na primavera para serem servidas no outono e tais preparativos demonstram o zelo e dedicação esperada nas mulheres de *Notojima*.

Tal aprendizagem, segundo Sra. Segawa, era tão mais importante e até mesmo desgastante.

<sup>10</sup>Sra. Yumiko Segawa, 55 anos, vila Kouda, comerciante, voluntária nas festas.

tante se a nora era proveniente de outra vila. Estas experiências da cozinha e da relação entre as duas gerações no preparo da alimentação são momentos fundamentais, pois

Constituem um domínio em que a tradição e a inovação têm a mesma importância, em que o presente e o passado se entrelaçam para satisfazer a necessidade do momento, trazer a alegria de um instante e convir às circunstâncias. (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p. 212).

No entanto, a Sra. Nakabayashi Kyouko<sup>11</sup> ressalta que, hoje em dia, a maioria da alimentação ofertada já é comprada diretamente nos supermercados ou encomendados nos restaurantes (Figura 7), poupando o enorme trabalho, o que é muito bom, pois quase todas as mulheres estão envelhecidas, cansadas, e as mulheres das novas gerações pouco disponibilizam de tempo e vontade para auxiliar nestes rituais de preparo e oferta das guloseimas. Muitas residências nas vilas estão habitadas apenas pela geração mais velha, ou seja, apenas pelos avós, pois os filhos e netos já moram em separado ou em outra cidade. Nas ocasiões dos festivais a família volta a se reunir e estes momentos são ansiosamente aguardados pelos anciões das vilas.

Sorridente, a Sra. Nakabayashi admite que *Akimatsuri* é um evento cansativo, mas, ao mesmo tempo, ela ressalta que sempre terá imenso prazer em trabalhar e preparar quanta comida for necessária para reencontrar os filhos e netos, pois a maior alegria dela é ver e ouvir a procissão chegando em sua casa:

*“Quando ouvimos os tambores e os sinos aproximarem, nosso coração fica feliz, bate forte e o cansaço vai embora! Ver o meu neto dançando foi a maior alegria, então não é tão ruim né?! Além do que, hoje em dia, temos diversas opções para dar menos trabalho!”.* (Sra. Nakabayashi, 66 anos).



**Figura 7** - Comidas industrializadas ofertadas aos convidados (Foto: Lucia Kawahara)

Antigamente as ocasiões das festas eram momentos em que a comunidade da ilha tinha a feliz oportunidade de comer iguarias que normalmente eram restritas ao cotidiano peninsular, mantido pelos limitados recursos daquela pequena terra. Atualmente este contexto tem muda-

<sup>11</sup> Sra. Nakabayashi Kyouko, 66 anos, vila de kouda, servidora pública aposentada, voluntária nas festas.

do, assim como outros aspectos da festa. É impossível impedir as mudanças e transformações culturais, elas são permanentemente mutantes (GEERTZ, 2012), os anciões queixam um pouco sobre a forma relaxada e pouco enérgica das performances dos dançarinos da atualidade, mas a mudança mais radical destas festas provavelmente é a participação das mulheres no ritual pela falta de pessoas na comunidade. As mulheres marcam presença no grupo musical, nas danças e até mesmo na Associação de Jovens (todos estes espaços permitidos, tradicionalmente, somente aos homens).

*“Atualmente, não existe tanto preconceito em relação à mulher, mulher não era considerada gente suficiente, como pessoa capaz, mas hoje não existe mais este tipo de preconceito e todos são iguais e podem participar.” (Sr. Takahashi, 66 anos).*

*“Mas pode ter problemas, por que ensinar as mulheres é coisa que resolve somente o problema atual, pode ter problema futuro. Por que mulher casa e vai embora, vai junto com o marido para onde ele for, não fica na ilha. Aí, quem vai ensinar? Quem vai ficar aqui que sabe ensinar? Se só mulher souber dançar, tocar, pode ser que no futuro não tem ninguém pra ensinar.” (Sr. Kadoya, 30 anos<sup>12</sup>).*

*“Eu não vou embora da ilha, não vou mudar da minha vila, por que só tem 4 membros na Associação de Jovens e eu entrei na Associação como a primeira mulher a participar da Associação na Ilha toda e não tem gente pra fazer a festa. Eu fico para ensinar para não acabar a festa... se não tiver festa, eu saio daqui desta vila, não fico não.” (Srta. Nodoka, 24 anos<sup>13</sup>).*

Algumas adequações são possíveis para que a realização do ritual completo do festival seja mantida; o problema do despovoamento e envelhecimento da comunidade, no entanto, realmente tem causado o cancelamento da saída da procissão (*Kadomatsuri*) em várias vilas.

A dimensão da relação do ser humano com o meio em que vive e com territorialidade fica bastante explícito nesta explicação dada pelo Sr. Takahashi. A força de uma crença e identidade tradicional que supera e resiste às adequações políticas administrativas nos dá a esperança de que tais saberes tradicionais possam realmente ser formas que podem retomar o que a apressada modernidade em nome do interesse econômico nos fez esquecer. O Sr. Segawa reconhece e lamenta que o Japão perdeu muito na corrida pela ascensão econômica.

*“No Japão de hoje falta paixão, autoconfiança e orgulho próprio. Nós nos esquecemos destas coisas querendo “americanizar”. Então agora, precisamos valorizar e compreender a história e cultura dos antepassados para ter dicas para o futuro. Devemos aprender a olhar o passado para encontrar um novo futuro, um futuro diferente.” (Sr. Segawa, 56 anos<sup>14</sup>).*

---

<sup>12</sup> Sr. Hiroaki Kadoya, 30 anos, vila de Enome, pescador e agricultor, presidente da Associação de Jovens.

<sup>13</sup> Srta. Nodoka Dejima, 24 anos, vila de Han no Ura, trabalhadora autônoma, primeira mulher a integrar a Associação de Jovens na Ilha de Noto.

<sup>14</sup> Sr. Hayato Segawa, 56 anos, vila de Kouda, comerciante, voluntário na festa.



## Considerações

Entendemos que, em diálogo com a comunidade de *Notojima*, vivenciamos uma prática de Educação Ambiental transgeracional. Apesar da própria comunidade não a nomearem desta forma, testemunhamos o saber de um grupo que, no seu terreno sociocultural, revelaram o valioso conhecimento tradicional tecido com o ambiente em que vivem e, atualmente, criam táticas diversas de comunicação e formação das gerações mais novas. Percebemos que *Akimatsuri* é uma prática educativa que possibilita o desenvolvimento de saberes diversos que tanto almejamos alcançar em nossas escolas.

Foi possível observar a presença da Educação Ambiental e suas três dimensões em todas as atividades realizadas, a dimensão axiológica se fez presente na relação respeitosa que os participantes estabelecem com os seus vizinhos, na colaboração de variadas formas, com a solidariedade, no compartilhar da fé e valores comuns.

A dimensão epistemológica pode ser encontrada nos registros e ensinamentos da história da Ilha de *Noto* que é transmitida nas músicas, coreografias das performances artístico-teatrais, bem como no etnoconhecimento do preparo das iguarias dos banquetes ofertados. Não há livros didáticos ou cadeiras escolares para ensiná-los tão aprimorado conhecimento. Este saber é fruto de uma aprendizagem alcançada na convivência e no partilhar dos espaços e tempos comuns.

A dimensão praxiológica se mostra em cada trabalho realizado, em cada ação conjunta desenvolvida na estruturação, organização e condução da festa. Tais dimensões axiológica, epistemológica e praxiológica da Educação Ambiental seriam traduzidas no espaço escolar como Conteúdos Atitudinais, Conceituais e Procedimentais respectivamente (ZABALA, 1998; COLL, 2000), mas que na educação ambiental não-formal dispensa-se esta fragmentação e preocupação curricular, possibilitando a aprendizagem de forma lúdica, criativa e significativa aos seus participantes (KAWAHARA, 2013).



Figura 8 - Dimensões da Educação Ambiental e Conteúdos Curriculares

Conhecer o contexto da Ilha de Noto à realização das Festas de Outono nos deu a confiança e esperanças de que estamos no caminho certo como educadores ambientais em diálogo com as complexas dimensões da formação integral (Figura 8). Trouxe-nos a convicção de que nossas preocupações como seres humanos nos unem neste planeta, nos lança ao desafio comum e, nos lembra que:

Por certo, estamos tentando buscar uma consciência ambiental, mas teremos que reconhecer os campos de poder, conflitos e dilemas socioambientais. Para além de abraçar árvores no dia da primavera é preciso estudar quais táticas de resistência os grupos sociais se organizam na dinâmica de uma vida que se esvazia e simultaneamente se transborda. (SATO, 2011)

## Referências

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos** – ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BAUMAN, Z. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRANDÃO, C.R. **Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas, SO: Papyrus, 2005.
- CERTEAU, M., GIARD, L. e MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- COLL, C. (org). **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DOLL, JR. W. E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FERREIRA AURÉRIO, B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa** – 3 ed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, P. Educação, o sonho possível. *In* BRANDÃO, CARLOS (org) **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAUTHIER, J. Do mar ao orvalho: aprendendo a vigilância amorosa. *In*: GRANDO, B. S., PASSOS, L. A. **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GUARINELLO, N. L. Festa, Trabalho e Cotidiano. *In*: JANCSÓ, I. CANTOR, I. (orgs.). **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Editora da USP/FAPESP, 2001. Vol II: 970-979.

GRÜN, M. Hermenêutica, biorregionalismo e educação ambiental. *In*: SAUVÈ, L; ORELLANA, J.; SATO, M. (eds) **Textos Escolhidos em Educação Ambiental: de uma améria à outra**. Montreal: v.01, 91-99, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condições Pós-Moderna**. São Paulo, Brasil, 1992. Edições Loyola.

IZUMI, K. Daisan kai, zaisho no matsuri report - Relatório das festividades locais. 第三回、在所の祭りレポート <http://www.pref.ishikawa.jp> acesso em outubro/2012.

KAWAHARA, L. Educação Infantil em diálogo com o Tratado da Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. *In*: SATO, M., GOMES, G e SILVA, R. (org). **Escola, Comunidade e Educação Ambiental - Reinventando sonhos, construindo esperanças**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT), Superintendência de Diversidades Educacionais: Editora Print, 2013.

LYOTARD, J-F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LOUREIRO, C. F. B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política**. Rio de Janeiro: Quarter, 2ª ed., 2006.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. *In*: **Tempo Social**. Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 10 (1): 1 – 8, may 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas**. Tradução Fabio Landa, Eva Landa; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MORENO-PERERANDA, R. avec HUNEULT, M. **Agriculture urbaine et paysages ruraux: contrastes et leçons du Japon**. Nouveau Projet: Quebec, 2012.

NISHIYAMA, K, TAKEUCHI, Y. *Shimano Gireidenshou – kisetu to jinsei no orime*. *IN: Notojima Yakuba. Notojimachoshi. Shiryohen dai ni kan. Notojima, 1983.*  
(能登島趙氏 – 資料編第二卷「島の儀礼伝承 – 季節と人生の折り目」)

PASSOS, L. A. **A centralidade do tempo e da temporalidade para a educação**. Revista da Educação Pública, Cuiabá: v. 14, n. 26, p. 131-149, 2005.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, S.B. (org). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Séria: Reinventar a emancipação social para novos manivestos. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, José Eduardo dos., SATO, Michèle., ZANIN, Elizabete Maria, MOSCHINI, Luiz Eduardo. O cenário da pesquisa no dialogo Ecológico – Educativo. São Carlos: Rima 2009.

SATO, M. Cartografia do Imaginário no Mundo da Pesquisa. *In*: ABÍLIO, Francisco José Pegado **Educação Ambiental para o Semiárido**. Editora Universitária da UFPB, 2011.

\_\_\_\_\_. **Políticas Públicas em Educação Ambiental**. [maio. 2011]. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso. Palestra proferida no Seminário Avançado I - Movimentos Sociais, Política e Educação Popular.

SATO, M., GAUTHIER, J., PARIGIPE, L. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. *IN*: SATO, M. e CARVALHO, I. (org) **Educação Ambiental – pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SATO, M.; LEITE, M. C. S.; MEDEIROS, H. e RIBEIRO, L. C. Diversidades Poéticas no Pantanal. *IN*: SATO, M (coord). **Sentidos Pantaneiros: movimentos do projeto Mimoso**. Cuiabá: KCM, 2002. p. 58-72.

Sato, Michèle; Passos, Luiz A. “Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a cidadania.” *In* Loureiro, C.F.B.; Layargues, P. & Castro, R.S. (Orgs.) Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, p. 221-252.

SATO, M.; PASSOS, L. A.; ANJOS, A.; GAUTHIER, J. Jogo de luzes: sombras e cores de uma pesquisa em educação ambiental. **Revista de Educação Pública**, v.13, n.23, 31-55, 2004.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. *IN*: SATO, M. e CARVALHO, I. (org) **Educação Ambiental – pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, R. A. da. **Do invisível ao visível**: o mapeamento dos grupos sociais do Estado de mato Grosso – Brasil. São Carlos, UFScar, 2011. 222 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, 2011.

SILVA, T. T. da. **DOCUMENTOS DE IDENTIDADE: uma introdução às teorias do currículo**. 8ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, T. T., HALL, S., WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA SANTOS, B. (org). **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas** – UFES – <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT22-3691--Int.pdf> (agosto/2009).

VIÉGAS, A. Complexidade: uma palavra com muitos sentidos. *IN*: FERRARO JR., L.A. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: MMA/DEA, 2005.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.